



## DO SENSÍVEL À PALAVRA: A NATUREZA MEDIADORA DA LINGUAGEM NA FENOMENOLOGIA DE HEGEL

Vânia Lisa Fischer Cossetin<sup>1</sup>

O primeiro capítulo da *Fenomenologia do espírito*, a Certeza Sensível, apresenta a linguagem como a superação de uma consciência meramente receptiva que deseja acessar imediata e sensivelmente o mundo. Ou seja, desde o princípio a *Fenomenologia* mostra a natureza da mediação da linguagem cuja tarefa não é predicar o ser ou explicar a contradição de algo. Para Hegel, a linguagem está longe de assumir esta função de instrumento devido à impossibilidade de dissociação entre palavra e coisa expressa. Antes, palavra e ser acabam tornando-se uma coisa só, pois a referência empírica é suplantada pela lingüisticidade do pensamento que só se movimenta e ganha concretude na relação com a palavra. O sensível fica somente como momento referencial negativo. Por isso, o signo implica que a coisa não tenha valor pelo que ela é, senão pelo que ela significa, de modo que a pergunta sobre como se dá a relação entre coisa e significado permanece sem resposta em Hegel. Para ele, estes termos, tais como essência e aparência, finito e infinito, não podem ser pensados separadamente. As coisas, desde que são referidas, ou mesmo apenas indicadas, já estão imersas em significação, conseqüentemente, só podem ser pensadas como já significadas. Isto quer dizer que a natureza da palavra é completamente livre de condicionamentos sensíveis? Mas enquanto signo ela não conservaria uma determinação essencialmente sensível? No nexos sistemático geral, é verdade que toda intuição pode ser entendida como uma espécie de signo, mas só porque ela já seria portadora de algum significado. Filosófica e sistematicamente, portanto, o signo é o esquema que relaciona o pensamento, a idéia especulativa, com a realidade experimentável. Não obstante, apesar de não haver linguagem falada, exercida faticamente, desvinculada do signo ou mesmo da representação simbólica, a linguagem, em Hegel, não permanece nesse nível devido à sua excessiva ligação com a contingência e subjetividade humana, justamente aquilo que a *Fenomenologia* procurou o tempo inteiro superar. Eis o problema: o que permanece uma vez que a cisão entre sujeito e objeto está resolvida e todas as determinações contingentes e subjetivas inerentes à experiência fenomenológica superada? Se Hegel defende um pensar filosófico puro, despedido de todo e qualquer condicionamento sensível, por que ele insiste na palavra e, por conseguinte, no signo, como meio de expressão necessária do pensamento? Segundo consta na *Enciclopédia*, a linguagem precede o pensamento e, nela, o simples elemento sensível conservado é negado, como é o caso do símbolo. O movimento progride de modo que também o símbolo é negado e instaurado o signo, e este, igualmente negado para chegar ao conceito. O problema é que ainda que conceitual, o pensamento carece deste mesmo signo para ser expresso, pois está vinculado à palavra, a signos lingüísticos, elementos gramaticais de uma língua escrita e falada. Ou seja, é como se este conceito, implícito num pensamento que, a princípio, não lida mais com o sensível, tivesse de retroceder para um nível já superado, pois a conservação de tais características tendem, igualmente, à conservação de uma instância do sensível. Assim, como o pensamento puro pode ser expresso pela palavra, se a manutenção do sensível na linguagem implica na conservação de contingência, cuja ocorrência se dá num âmbito ainda não resolvido inteiramente na imanência do conceito?

<sup>1</sup> Graduada em Artes e Filosofia pela Unijuí, Mestre em Filosofia e doutoranda em Filosofia na PUCRS.